



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**NATÁLIA DURIGON MACHADO**

**Uma lição de amor e luto na adaptação do romance**

***P.S. Eu te amo* para o cinema**

CAMPINAS  
2014

**NATÁLIA DURIGON MACHADO**

**Uma lição de amor e luto na adaptação do romance**

***P.S. Eu te amo para o cinema***

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

CAMPINAS  
2014

**RESUMO:** O trabalho consiste em uma análise da adaptação do livro *P.S. Eu Te Amo* de Cecelia Ahern para o cinema, tendo como fundamentação teórica estudos sobre tradução, adaptação e linguagem cinematográfica, além de um texto freudiano sobre o luto. Tanto o livro quanto o filme retratam a forma como a personagem principal sofre a perda da pessoa amada, o marido, que lhe deixa cartas que vão ser encontradas e lidas depois da morte dele. Essas cartas funcionam como uma espécie de lista de instruções que a personagem deve seguir para poder enfrentar o processo de luto.

**Palavras-chave:** Tradução e Adaptação; Adaptação Cinematográfica; Amor e Luto; *P.S. Eu te amo*; Cecelia Ahern.

**ABSTRACT:** This paper consists of an analysis of the adaptation of the book *PS, I love you* from Cecelia Ahern to the movies, having as a theoretical foundation studies of translation, adaptation, film language and also, a Freudian text about the mourning. Both the book and the film depict how the main character suffers the loss of a loved one, the husband, which leaves her letters that will be found and read after his death. These letters act as a sort of list of instructions that the character must follow in order to face the grieving process.

**Keywords:** Translation and Adaptation; Film Adaptation; Love and Grief; *PS, I Love You*; Cecelia Ahern.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Primeira carta de Gerry para Holly no romance.

Figura 2: A mãe de Holly lhe entrega a última carta de Gerry.

Figura 3: Holly recebe a carta do karaokê.

Figura 4: Holly caminha com John e Sharon.

Figura 5: Holly está cantando.

Figura 7: O carteiro entrega a correspondência de Holly.

Figura 8: Holly conta para a irmã e para a mãe que Gerry planejou uma viagem para ela, Sharon e Denise.

Figura 9: Holly está com as amigas do lado de fora do bar.

Figura 10: Holly visita os pais de Gerry.

Figura 11: Holly lê a carta no forte de Gerry.

Figura 12: Holly analisa o sapato.

Figura 13: Holly vai almoçar com o Daniel.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO 1 Adaptação: fidelidade, liberdade... limites .....	9
1.1 Do livro ao cinema: uma criação intertextual .....	9
1.2 Formas narrativas em adaptação .....	12
CAPÍTULO 2 Entre o amor e o luto, o amor .....	15
2.1 Da Irlanda a Nova York: a autora, o diretor, o filme .....	15
2.2 Cartas de amor para fazer o luto.....	17
CAPÍTULO 3 Três cenas adaptadas em <i>P.S. Eu te amo</i> .....	25
3.1 Um <i>travelling</i> entre as duas narrativas .....	25
3.2 As narrativas em <i>zoom</i> .....	26
P.S. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ENCERRAR.....	46
REFERÊNCIAS .....	49

## INTRODUÇÃO

Embora um romance e um filme sejam tão diferentes, ambos têm em comum um potencial: a possibilidade de contar histórias. Encontramos nessa capacidade narrativa o ponto de maior semelhança entre essas obras, mas não podemos deixar de lado a forma como a história se conta no livro e no filme, que se vale de recursos expressivos diversos como imagens em movimento e som, para ler e narrar a história escrita – é o que chamamos, neste trabalho, de uma *adaptação*.

Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise da adaptação do livro *P.S. I love you* (2004), da escritora irlandesa Cecelia Ahern, para o cinema [em português *P.S. Eu te amo*], sob a direção de Richard LaGravenese, em 2007. O romance foi traduzido para o português brasileiro com o título homônimo *P.S. Eu te amo* (2012) por Carolina Caires Coelho. Ao pensarmos numa obra específica e em sua adaptação, temos algumas questões a serem levantadas. Questões essas como: por que certos aspectos do livro que não exigiriam mudança foram modificados no filme? Por que há no filme cenas que não se desenrolam no livro – e vice-versa? O que motivou o adaptador a fazer essas mudanças e escolhas?

*Eu te amo* é o *post-scriptum* das cartas em torno das quais giram o romance e o filme. Abreviada para *P.S.*, a expressão latina significa em português “escrito depois”, algo que se acrescenta a uma carta (documento escrito) depois de assinada, anexo, acessório<sup>1</sup>, que pode dar a impressão de ter sido algo esquecido, mas que se torna o título do romance (e do filme), fazendo dele também uma espécie de carta.

O trabalho de adaptação de obras literárias (canônicas ou não<sup>2</sup>) para o cinema é hoje uma prática cultural mais valorizada como forma de divulgação, como uma reescrita, como proposto pelo pesquisador André Lefevere (2007), com foco no diálogo com o público e o mercado e como forma de inovação. No caso deste trabalho, tomamos a obra adaptada, segundo a definição de Lauro Amorim (2005), como aquela que provoca o reconhecimento imediato do texto original por determinado público.

É esse reconhecimento imediato – ou não – que permite afirmar ainda que a ideia de fidelidade – sempre visada na tradução – não fica completamente de lado, e

---

<sup>1</sup> Cf. Dicionário Aulete digital. <http://www.aulete.com.br/post-scriptum>.

<sup>2</sup> Observando ainda que um autor pode ser parte do cânone, mas considerado secundário.

nem sempre se deixa de pensar nesse tradutor fiel. No meu caso, assisti primeiro ao filme e só depois, quando soube que era baseado em um romance, comprei o livro, quando ainda morava nos Estados Unidos e li o texto em inglês. O lançamento da tradução em português no Brasil é que me levou a pensar, de saída, na tradução do livro, e depois, na adaptação, objeto desta monografia, dado meu interesse pela questão do luto e pela forma como é tratado em cada mídia, através do envio de cartas.

No capítulo 1, discutimos algumas concepções de tradução e adaptação considerando as questões da fidelidade e a relação entre o romance e o cinema. Apesar das críticas quase sempre relativas à fidelidade maior ou menor em relação ao texto original, as adaptações e traduções são fundamentais para a divulgação e a ampliação de diferentes tipos de obras às quais, por motivos diversos, muitas pessoas não teriam acesso. No caso específico das adaptações, reconhece-se que tanto podem aproximar do público infanto-juvenil obras de autores como Shakespeare, Cervantes, Machado de Assis, por exemplo, adaptando a obra ao público de mesma língua, quanto fazer de um romance o roteiro de um filme ou de uma peça teatral, de um quadro um vídeo, de um poema uma canção. E as adaptações podem fazer com que pessoas que leram a obra original tenham curiosidade de ver como ficou a obra adaptada e passem a buscar outras obras daquele escritor que foi adaptado, ou ver o filme e, depois, procurar o livro, como foi o meu caso.

Em seguida, no capítulo 2, trabalhamos o envio das cartas e a questão do luto. O livro *P.S. Eu te amo* poderia ser tomado como um romance epistolar, um gênero literário que se caracteriza por uma narrativa escrita em primeira pessoa, principalmente, mas não exclusivamente, através de cartas. As cartas funcionam como uma estratégia narrativa para levar tanto o leitor quanto o espectador a partilhar a intimidade da personagem que recebe as cartas do marido morto – cartas que vão servir de fio condutor do romance e ajudar a personagem a lidar dia a dia com sua perda.

No capítulo 3, analisamos trechos selecionados no romance e no filme para verificar como se aborda em cada obra, nessa trama construída pelas cartas, o processo de luto vivido pela personagem principal. Algumas cenas do filme foram escolhidas para serem trabalhadas com mais detalhes em função de suas diferenças, além de observações relativas ao conteúdo que se encontra só no livro ou só no filme.

A análise aqui apresentada não se pretende, evidentemente, conclusiva, mesmo que *P.S. Eu te amo* seja considerada uma obra menor, um *best seller*, classificada ora como drama ora como comédia romântica, não atraindo a atenção acadêmica que recebem obras literárias canônicas adaptadas. O próprio fato de a tradução brasileira ter trazido na capa um subtítulo chamativo “Existem amores que duram mais que uma vida” já é uma resposta editorial ao sucesso de público alcançado com a adaptação fílmica em 2007, lançada no Brasil com grande sucesso de público, em 2008. Por essa e outras razões apontadas ao longo do trabalho, serão também contemplados aspectos que alimentaram esse sucesso (como um produto da indústria cultural).

## **CAPÍTULO 1 Adaptação: fidelidade, liberdade... limites**

É interessante notar que muitos pensadores consideram que há uma linha nítida entre a tradução e a adaptação. Antes de começar a falar desses conceitos, vamos falar de *tradução*, que tem origem no latim *traducere*, significando “levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar”, transportar uma obra original para “o outro lado”, ou seja, para a língua na qual queremos que a mensagem seja transmitida. Quanto a *adaptação*, do latim *adaptare*, “tornar apto; adequar; modificar texto de (obra literária), adequando-o a certo público, ou transformando-o em peça teatral, script, etc.” – é este último sentido que interessa a este trabalho.

### **1.1 Do livro ao cinema: uma criação intertextual**

Para falar sobre tradução e adaptação este trabalho se baseou nos estudos de Lauro Maia Amorim (2005) e Linda Hutcheon (2006). Podemos observar que se trata, para ambos os autores, de um processo de modificação, transformação e adequação. Sendo assim, a adaptação trabalha com a obra original dentro de outro meio, um livro adaptado para o cinema e ou para o teatro; uma pintura transformada em poesia; ou a obra original adaptada para um público diferenciado, um livro da literatura clássica adaptado para o público infanto-juvenil, entre outros.

Para Amorim (2005), enquanto a tradução busca reproduzir o original em sua forma e conteúdo, a adaptação faria somente modificações. Mesmo assim, ambas trabalham com um certo tipo de transformação; transformação essa que depende de certos tipos de convenções e restrições e dependem também do tempo e do lugar em que são realizadas e do público a que se destinam. Para o autor, pelo menos até 2005, quando escreveu seu livro, o tema da adaptação era tratado de forma mais marginal, associado a simplificação, condensação e mesmo empobrecimento do original, mas também a uma forma de recriação, uma vez que toda tradução e toda adaptação sempre recria a obra original (p. 39).

O autor nos diz também que qualquer forma que usamos para representar algo, é a inscrição desse objeto em uma rede de significações sociais que fazem parte da nossa percepção desse objeto, ou seja, quando um diretor produz para o cinema uma

adaptação de uma obra literária, o filme vai ter as percepções que o diretor teve da obra; nem sempre o que ele observa pode ser a mesma coisa que captamos. Em seu trabalho, Amorim cita uma observação de Lefevere<sup>3</sup> sobre os adaptadores, que nomeia reescretores, como responsáveis pela circulação das obras literárias, pela sua sobrevivência, pois estão fazendo com que essas obras alcancem públicos que originalmente não seriam possíveis. Como podemos observar no seguinte trecho em que Amorim (2005 p. 9) fala sobre isso: “A tradução recontextualiza a obra literária original, gerando outras imagens – reinscrevendo-a numa outra realidade na qual é percebida”.

O autor defende a ideia de que, apesar de a tradução e a adaptação raramente serem transposições sem falhas da obra original, é necessário, no entanto, que haja certo grau de fidelidade. Mas, nesses casos, estamos falando de diferentes concepções de fidelidade. Na tradução teríamos que ser fiéis em relação à forma e ao conteúdo, enquanto na adaptação somos fiéis apenas ao conteúdo. Então, podemos observar que, em termos de criatividade, se a adaptação consegue ter mais abertura que a tradução para inserir novas ideias e conceitos, essa maior flexibilidade que se permite à adaptação também significa uma perda de informação (p. 82). O interesse das reflexões de Amorim para este trabalho está no fato de, na minha experiência, ter repetido o que diversos autores citados por ele apontam: depois de ver o filme, lendo o livro, o que mais me chamou a atenção foram os trechos do livro que achei que estavam “faltando” no filme.

Linda Hutcheon (2006), em seu livro *A Theory of Adaptation*, reflete sobre vários aspectos que dizem respeito à adaptação. Para começar, em seu trabalho Hutcheon nos mostra que as adaptações estão em todos os lugares e que há vários trabalhos hoje em dia que nasceram de adaptações. As adaptações são antigas e existem para transferir certa obra para um meio que é acessível a várias pessoas. A autora defende a ideia de que a adaptação é um tipo de trabalho necessário, porque um filme, por exemplo, pode mostrar e expressar coisas e sentimentos que muitas vezes o livro não consegue. O cinema é capaz disso, como nos mostra Jean-Claude Bernadet (1980, p. 12), quando afirma que “essa ilusão de verdade, que se chama impressão de realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema. O cinema dá a

---

<sup>3</sup> Amorim cita a obra de Lefevere na edição de 1992 - *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Para este trabalho foi consultada a edição de 2007.

impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros”.

No caso do livro e da adaptação aqui analisados, podemos ler o quanto a personagem Holly está sofrendo com a perda do marido, podemos até imaginar tal sofrimento, mas é quando vemos o filme que, de certa forma, aumenta nossa *simpatia* pela personagem e *sentimos* sua dor e solidão. Por isso nos *identificamos* tanto e relacionamos a perda da personagem com uma perda pessoal. Nas palavras da autora: Tendo em vista que:

[...] a adaptação é uma forma de repetição sem replicação, a mudança é inevitável, mesmo quando não há qualquer atualização ou alteração consciente de ambientação. E com a mudança vêm as modificações correspondentes no valor [político] e até mesmo no significado das histórias (HUTCHEON, 2006, p. xvi).

Em seu trabalho a autora nos mostra que, mesmo assim, as adaptações são muito criticadas e vistas como sendo um trabalho secundário. Muitas vezes, ela é vista dessa forma por causa da hierarquia que a sociedade criou com as obras de uma forma geral. O livro é uma obra considerada antiga em questão de valorização, depois começaram a valorizar melhor as peças de teatro, as óperas, os musicais até chegar ao cinema. As adaptações são antigas, e a autora lembra que já Shakespeare adaptava histórias populares em suas peças para o palco, mas, no caso de *Romeu e Julieta*, por exemplo, é mais aceitável adaptar a peça para um ballet ou para uma ópera que para o cinema, que seria visto como uma arte menor (p. 3).

Inconscientemente, temos certo respeito pelo objeto livro, que durante muito tempo – até porque o cinema surgiu muito depois – quase sempre veio primeiro (exceto em alguns casos mais atuais em que um filme faz muito sucesso e depois o roteiro vira um livro, ou quando jogos de videogames são transformados em séries de livros e em filmes, entre outros). Talvez esteja nessa “autoridade da literatura como uma instituição” (p. 6) a razão de criarmos tantas expectativas ao nos depararmos com uma adaptação de um livro que já lemos. Esperamos que o adaptador mostre no filme tudo que o livro nos contou, por isso, muitas vezes, a adaptação é criticada, porque não capta as nossas percepções pessoais da obra original.

No entanto, apesar das críticas dos fãs da obra original e também da crítica especializada, as adaptações continuam sendo feitas. E são cada vez mais populares

porque, apesar de serem uma repetição da obra original, as adaptações têm as suas variações.

Considerando, então, que adaptar é transformar, modificar, ajustar, encaixar a obra original em um determinado meio, entendemos que essas transformações podem ser feitas de diferentes formas. Hutcheon elucida em seu trabalho três perspectivas distintas, mas inter-relacionadas (p. 8-9), para lidarmos com as adaptações como *adaptações*: i. reconhecê-la como uma transposição anunciada e estendida de outro(s) trabalho(s), podendo envolver uma mudança de mídia (um poema para o cinema, por exemplo), gênero (épico para o romance, por exemplo) ou uma mudança de quadro e em consequência disso, de contexto, etc.; ii. tomá-la como um processo de criação que envolve sempre os processos de (re-)interpretação e de (re-)criação, também chamados de apropriação e salvamento; iii. ver a adaptação como um processo de recepção e, nesse caso, como uma forma de intertextualidade, uma vez que com elas resgatamos na nossa memória outras obras que nos fazem lembrar de suas repetições e variações.

Para Hutcheon, basta chamar um trabalho de *adaptação* para anunciar sua relação (intertextualidade) com outro trabalho: “para o leitor, espectador ou ouvinte, adaptação como *adaptação* é inevitavelmente um tipo de intertextualidade *se o receptor está familiarizado com o texto adaptado*” (p. 21). Segundo Yúri Caribé (2011, p. 50), que trabalhou com a adaptação de *The Hours*, de Cunningham, “se não houver esse conhecimento, trata-se, então, de uma oportunidade para familiarizá-lo com aspectos que chamaram a atenção do adaptador no texto inicial”. E essa é uma razão para a existência de trabalhos como este: de comparação entre obra original e adaptada. Para este trabalho, interessa mais pontualmente uma observação relativa ao prazer ou à frustração do leitor: “parte do prazer e da frustração de uma adaptação está na familiaridade trazida pela repetição e pela memória” (p. 21).

## **1.2 Formas narrativas em adaptação**

A discussão sobre o que se pode considerar *adaptação* pode ser bastante diversificada. Neste trabalho vamos considerar somente uma obra, o livro *P.S. Eu te amo* adaptado para o cinema a partir das cartas enviadas a Holly por Gerry (o marido que escreve as cartas antes de morrer para que sejam entregues em datas determinadas por ele) e do que entendemos como o processo de luto que se faz através dessas cartas.

Um livro é uma obra independente, pode ser curto ou longo, como o autor desejar – o que vale para o número de personagens (que pode ser somente uma e chegar a milhares), locais onde a história acontece (dentro da cabeça de um personagem ou em diferentes galáxias), com a forma narrativa em tempos diversos... enfim, tudo depende da inspiração/criação do autor. Já um filme, não depende só do diretor para acontecer. Temos produtores, operadores de câmeras, roteiristas, atores, dublês, figurinistas, maquiadores, iluminadores, etc.; e encontramos mais problemas a serem solucionados como locação, contratos de atores/atrizes e seus cachês, distribuição, entre outros, sem contar uma complicação a mais nos casos em que o filme é adaptado.

No caso de um filme baseado em uma obra literária, roteirista e diretor (principalmente) precisam adequar vários aspectos do livro que podem não ter sido pensados para o cinema. Um livro pode ter quantos capítulos o autor quiser, mas produzir um filme com mais de três horas de duração, por exemplo, estouraria o orçamento da produção e muito provavelmente cansaria o público<sup>4</sup>. Por outro lado, esse mesmo público fica muitas vezes insatisfeito com as mudanças feitas, não concorda com a retirada de certos personagens ou cenas. Acontece que, assim como o tradutor precisa fazer escolhas de como melhor traduzir uma palavra, um adaptador precisa fazer as escolhas sobre o que ele vai deixar e o que ele vai modificar da obra original. Vale lembrar, como faz Júlia Rochetti Bezerra (2012), em seu trabalho sobre adaptações da obra de Machado de Assis para o público infanto-juvenil, que também o tradutor realiza um trabalho transgressivo. Nesse caso, se “a distinção entre tradução e adaptação estivesse reduzida à questão do grau de transgressão assumida em cada uma, seria difícil o estabelecimento de um consenso sobre a classificação de um texto em uma das categorias”.

No caso de uma obra célebre, talvez seja o sonho de todo roteirista/diretor de cinema fazer um filme que a retrate do começo ao fim, mas basta pensarmos que descrever uma cena ou um personagem num livro e mesmo contar a história (quando há uma) é completamente diferente do cinema. Diferente da tradução de uma língua para outra, a adaptação de um livro para um filme exige a passagem para uma nova estética e outra linguagem: a linguagem cinematográfica. Segundo Jacques Aumont (1995), em *A estética do filme*, além da imagem e do som (representação visual e sonora), temos a

---

<sup>4</sup> Não me refiro aqui a filmes de arte e a documentários, que não têm como finalidade primeira o sucesso comercial, mas a apreciação crítica.

impressão de movimento, que aparece de fato como movimento, quando assistimos ao filme. O filme pode nos mostrar em segundos, em diversos *quadros* (ou enquadres) uma boa parte do espaço da cena, ou *campo*, a partir de diversas perspectivas, simplesmente com o movimento de uma ou mais câmeras em *planos* diversos: fixo, em movimento, em primeiro plano, *close*, em plano médio, etc. Assim, o adaptador pode fazer em segundos o que o escritor precisou de páginas para mostrar, mas perde-se, talvez, o tempo de refletir sobre essa cena, de parar para pensar nela, o que não fazemos com um filme... talvez vendo-o em DVD com o controle remoto nas mãos, como faço neste trabalho para analisar as cenas.

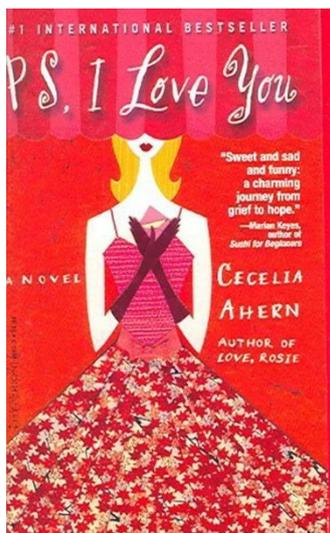
## **CAPÍTULO 2 Entre o amor e o luto, o amor**

Em poucas palavras, o livro *P.S. Eu te amo* conta a história de um casal irlandês que se conheceu ainda na infância, que se casou cedo e que se apresenta como tendo sido feitos um para o outro, de tal forma que esse amor servia de exemplo para os amigos. Como qualquer casal, Holly e Gerry tinham as suas brigas rotineiras, mas o que prevalece é esse amor incondicional de um pelo outro. Um dia, após uma forte enxaqueca, Gerry descobre que tem um tumor no cérebro e, após um tempo tentando um tratamento, os médicos não dão mais esperanças ao casal e ele morre, deixando Holly devastada. A família e os amigos também sofrem muito, porque Gerry morre muito jovem, com apenas 30 anos. Após sua morte, Holly recebe um pacote de cartas, que Gerry havia deixado para ela, com instruções específicas sobre coisas que ela devia fazer e instruções para a leitura das cartas. Uma carta por mês. Com as cartas, Gerry ajuda Holly a passar pelo processo da perda e também consegue dizer coisas que não teve tempo de dizer à esposa.

O romance começa com Holly numa casa silenciosa, vivendo um momento de pânico. Já no segundo parágrafo do romance, ficamos sabendo pelo narrador que Gerry havia morrido. O parágrafo é todo construído com frases iniciadas com um lamento, um “nunca mais”, com o qual a personagem vai ter que lidar para fazer o luto da perda do marido... Mas a história tem início mesmo no momento em que, no final do primeiro capítulo, a mãe de Holly conta que tinha em mãos um envelope endereçado a ela, e em cima estava escrito: *A LISTA*.

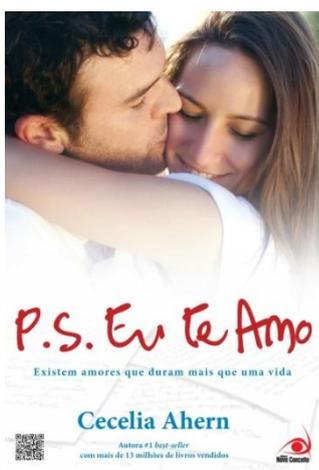
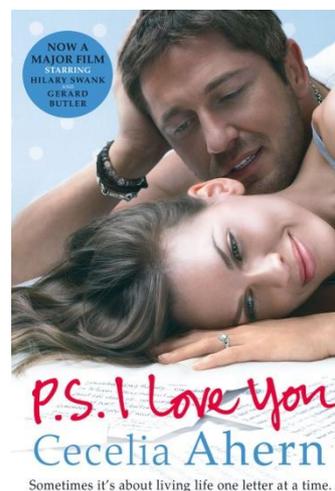
### **2.1 Da Irlanda a Nova York: a autora, o diretor, o filme**

Cecilia Ahern tem 11 livros publicados, seu primeiro best-seller *P.S. I Love You* foi escrito quando tinha 21 anos. Outras obras de Ahern também foram adaptadas para o cinema, como por exemplo o livro *If You Could See Me Now* (*Se você pudesse me ver agora*) e *Love, Rosie* (em português esse livro foi traduzido para *Simplemente Acontece*).



Nascida em Dublin, Cecelia Ahern<sup>5</sup> gosta de retratar a Irlanda e seus costumes nos seus livros. Em uma entrevista, numa cena adicional<sup>6</sup> do DVD, a autora comenta essa presença da Irlanda em sua obra e o fato de o filme se passar quase o tempo todo em Nova York: *Estive me preparando desde o começo para o fato de que o filme não seria filmado na Irlanda. Porque era um filme americano, com atores americanos e tudo mais. E fiquei muito feliz quando soube que eles viriam para a Irlanda... E a Irlanda está tão bonita no filme e é, de certo modo, outro personagem no livro... Os irlandeses podem ficar orgulhosos pela forma como a Irlanda foi retratada no filme. Não é um mundo de duendes, entende? O filme mostra o lado divertido, moderno e maravilhoso da Irlanda* (tradução minha).

Na entrevista que está presente como bônus no DVD do filme, podemos ver Cecelia Ahern comentando a ideia dos produtores de lançar o filme na época do Natal. O filme torna-se, então, uma espécie de “Christmas Movie”, acentuando seu caráter comercial, mas também se pode pensar que esse ainda é um tempo em que muitos querem estar ao lado das pessoas amadas. Talvez o filme quisesse



lançar a pergunta “Você está aproveitando todo o tempo que tem com aqueles que ama? E se você, ou alguém que você ama, não estivesse mais por perto?”

Com a arte do cinema, o diretor e adaptador do filme *P.S. I Love You* Richard LaGravenese se apropria do romance da autora, e fala sobre seu trabalho: *Quando você adapta algo, inicialmente tem que se manter fiel ao espírito inicial da história. E sou mais grato pelo fato de que Cecelia amou o rascunho do filme e o filme... ela veio nos visitar algumas vezes e amou as mudanças...*

<sup>5</sup> As imagens das capas (do livro e do DVD) são apenas ilustrativas, e não serão analisadas, embora uma análise desses paratextos seja importante para explorar mais a questão comercial – mas não é essa questão o foco deste trabalho.

<sup>6</sup> Cenas Adicionais: Uma conversa com Cecelia Ahern e Richard LaGravenese.

o que fizemos com a história dela e seus personagens, nos mantivemos praticamente fiéis a suas cartas e a sua estrutura. (tradução minha).

## 2.2 Cartas de amor para fazer o luto

Quando Holly ouve de sua mãe que há um envelope deixado para ela, toma um susto ao saber do sobrescrito: *A Lista*. A história de fazer uma lista de coisas que precisavam fazer surgira de uma brincadeira sobre coisas que se esquecia de fazer e que Gerry talvez um dia não pudesse fazer mais. No dia seguinte, Holly vai à casa da mãe e conversam sobre a possibilidade de um emprego – Holly havia parado de trabalhar para cuidar do marido – e logo pega o envelope, sai da casa e abre-o: dele caem dez pequenos envelopes, cada um com o nome de um mês. Na folha solta, reproduzida no livro (2012, p. 29) ela leu:

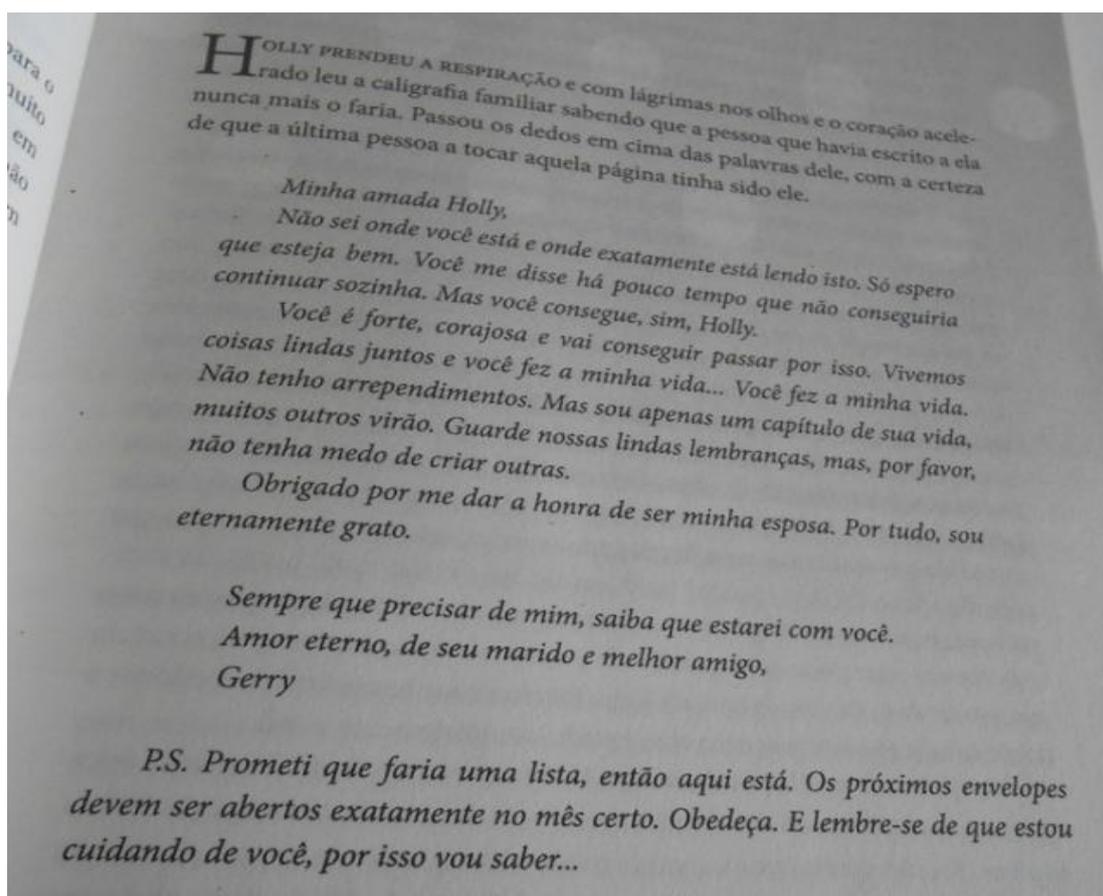


Figura 1: Primeira carta de Gerry para Holly no romance<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Disponível em <http://todosamam.files.wordpress.com/2013/11/carta-ps-eu-te-amo.jpg> 12-12-2014.

Como mais de um mês havia se passado, Holly já vai abrir os envelopes de março e de abril (p. 30 e 35).

*Livre-se dos hematomas e compre um abajur!*

*P.S. Eu te amo...*

*Uma Disco Diva deve estar sempre linda. Saia para comprar uma roupa nova, pois você vai precisar de uma para o próximo mês!*

*P.S. Eu te amo...*

O luto não é considerado por Freud uma condição patológica. A pessoa que está de luto não precisa passar por tratamento médico. Trata-se de um processo natural, pelo qual uma pessoa precisa passar para encarar a perda; mesmo que tal processo a leve a se isolar completamente do mundo, ela consegue, após um tempo, voltar a suas atividades e encarar sua rotina. Em “Luto e melancolia”, Freud afirma que “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. (1974 [1917], p. 275).

Pode ser que junto ao luto a pessoa tenha momentos de melancolia. Segundo Freud, na melancolia a pessoa também demonstra certo desinteresse pelo mundo a sua volta e até mesmo perde o interesse por ela mesma. Para o autor, “a diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente”; e continua afirmando que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio” (1974 [1917], p. 251), e não o eu da personagem, como acontece na melancolia. Muitas vezes, no processo do luto, a pessoa enlutada se culpa pela perda da pessoa ou do objeto e se questiona muito e sofre por causa desses questionamentos. Tanto no livro quanto no filme, Holly se isola bastante assim que o marido morre. Ela fica um mês em casa sem falar com ninguém, não dorme direito e tem sonhos confusos, não sabe dizer se está dormindo ou se está acordada. Alimenta-se muito mal e emagrece bastante. Também não cuida da casa e anda por ela como se fosse uma morta-viva. No livro, sua amiga Sharon aparece para reanimá-la, limpa a casa para ela e fala desse luto consolando-a: *O luto faz parte do processo de ajudar a si mesma* (2012, p. 20)

No dia de seu aniversário de 30 anos Holly está de roupa nova e recebe os amigos. Saem, bebem muito, e no dia seguinte saem de novo. Vão ao Pub do clube Hogan, onde ela conhece Daniel, mas volta correndo para casa para ler a carta do mês de maio (p 60).

*Vamos lá, Disco DÍva! Enfrente seu medo de karaokê no club DÍva este mês e nunca se sabe... Você pode ser recompensada...*

*P.S. Eu te amo...*

Desafiada pela plateia do karaokê, Holly enfrenta seu pânico de cantar em público, ainda mais sendo desafinada. Mas sua escolha, uma velha canção dos Beatles, fala por ela: *What would you do if I sang out of tune? Would you stand up and walk upon me?.... Ooh, I'll get by with a little help from my friends...*

Podemos perceber uma mudança significativa, depois que ela canta no karaokê. No livro, ela reflete sobre o motivo pelo qual o marido a fez passar por isso. Como podemos observar no trecho a seguir:

(Capítulo 15 p. 95):

*Holly, mais uma vez, ficou sozinha. Por mais que quisesse pegar a bolsa e correr para casa, sabia que precisava ficar. Ficaria sozinha diversas vezes mais no futuro, a única solteira na companhia de casais, e precisava se adaptar. Mas sentia-se muito mal e irritada com os outros por não darem atenção a ela. E repreendeu-se por ser tão infantil, porque seus amigos e familiares eram muito incentivadores. Pensou que talvez aquela podia ter sido a intenção de Gerry. Será que acreditava que ela precisava de uma situação como aquela? Acreditava que aquilo a ajudaria? Talvez estivesse certo, porque certamente estava sendo testada. Ela estava sendo forçada a se tornar mais corajosa de outras maneiras. Havia subido a um palco para cantar para centenas de pessoas e agora estava presa em uma situação na qual se via cercada por casais. Todos estavam a seu redor. Independentemente do plano dele, ela estava sendo obrigada a ser mais corajosa sem ele. Fique sentada aí, ela disse a si mesma.*

Obviamente o processo de luto não é somente um processo pelo qual passamos por emoções constantes. Durante o processo há vários altos e baixos necessários para a superação da perda. Uma das lições dessa história de amor e morte é que não basta que

o objeto de amor desapareça para que haja a separação definitiva. É preciso um verdadeiro trabalho que Freud chamou de "trabalho do luto" – uma tarefa nada fácil, em geral lenta e dolorosa.

No livro, Holly enfrenta alguns desses momentos e sempre se questiona, não consegue se conformar como um dia podia estar bem e no outro estar se sentindo triste novamente. Quando recebe a notícia de que sua amiga Sharon está grávida e de que Denise (outra amiga) vai se casar na véspera de Ano Novo, sente inveja e ao mesmo tempo se sente mal por ter esse sentimento em relação à vida das amigas. Nesse momento, percebe também que sente falta de viver, de fazer as coisas porque gosta e não porque tem que fazer, de ter expectativas sobre o futuro.

No filme, podemos ver que Holly tem vários momentos de tristeza, assiste a muitos filmes antigos românticos, sempre histórias de amor tristes. Como no filme ela não sabe quando nem como as cartas de Gerry vão chegar, sempre fica ansiosa por recebê-las, abre as cartas no momento em que as recebe, não importando onde ela está.

Na carta do mês de junho, é o narrador quem conta que nela o marido havia feito uma relação de seus pertences dizendo o que gostaria que Holly fizesse com eles. No final (p. 101):

*P.S. Eu te amo, Holly, e sei que você me ama. Você não precisa de minhas coisas para se lembrar de mim, não precisa guardá-las como prova de que eu existí ou de que ainda existo em sua mente. Não precisa vestir as minhas blusas para me sentir perto; já estou aí... sempre abraçando você.*

A carta seguinte traz somente um *Bom dia! P.S. Eu te amo* (p. 156), acompanhado por um panfleto e um *pacote* de férias para ela e as duas amigas. Quatro capítulos depois, agora em plena viagem, abre a sexta carta (p. 192):

Oí, Holly,

Espero que a viagem esteja sendo maravilhosa. Você está linda com esse biquíni, diga-se de passagem! Espero ter escolhido o lugar certo para você, é o lugar onde você e eu quase passamos a nossa lua de mel, lembra? Que bom que você pôde conhecê-lo... Parece que se você ficar de pé no fim da praia, perto das rochas à frente de seu hotel e olhar à esquerda, verá um farol. Eu soube que é onde os golfinhos se reúnem... poucas pessoas sabem disso. E eu sei que você ama golfinhos... diga oi a eles.

*P.S. Eu te amo, Holly...*

No sétimo envelope, Gerry fala do emprego, e no oitavo, o envelope do mês de outubro, encontra sua flor favorita junto com um bilhete (p. 208 e 273):

*Mire seu salto para a lua, e se não acertá-la, aterrissará entre as estrelas.*

*Prometa para mim que vai encontrar um emprego que vai amar desta vez!*

*P.S. Eu te amo...*

*Um girassol para o meu girassol. Para alegrar os dias escuros de outubro que você tanto detesta. Plante algumas sementes e tenha a certeza de que dias quentes e ensolarados de verão chegarão.*

*P.S. Eu te amo...*

*P.P.S. Pode entregar este cartão ao John?*

No cartão para John, parabeniza John pelo aniversário e pede-lhe que cuide de Holly. A penúltima carta, aberta no dia 1º de novembro, pede-lhe que vá ao baile, no qual *estará glamourosa e linda...* (p. 318).

No filme, Holly percebe que Gerry a está guiando para superar a perda tão repentina e chega a perceber também que, não importa onde ela esteja ou com quem, vamos todos acabar sozinhos, porque viemos ao mundo sozinhos e vamos terminar a nossa jornada sozinhos. Fica triste, mas entende que temos que celebrar a vida com as pessoas de quem gostamos e que amamos. No filme, é a mãe de Holly quem entrega a ela a última carta que Gerry havia escrito, e conta para filha que, mesmo não concordando, tinha acatado o pedido final do genro e deu um último conselho à filha: “se nós estamos todos sozinhos, então nós estamos todos juntos nisso também” (tradução nossa).

No livro, a última carta é aberta por Holly, sozinha, depois de se despedir de Daniel, por quem parece estar se apaixonando (p. 337), mas ainda tem muitas dúvidas. Enfim, nem no livro nem no filme ela fica com Daniel: no livro ele volta para a ex-noiva, e no filme descobrem que só podem ser grandes amigos.

*Não tenha medo de se apaixonar de novo. Abra seu coração e siga por onde ele a levar... E lembre-se de mirar a lua...*

*P.S. Eu sempre te amarei...*

No filme, a última carta é entregue pela mãe de Holly:

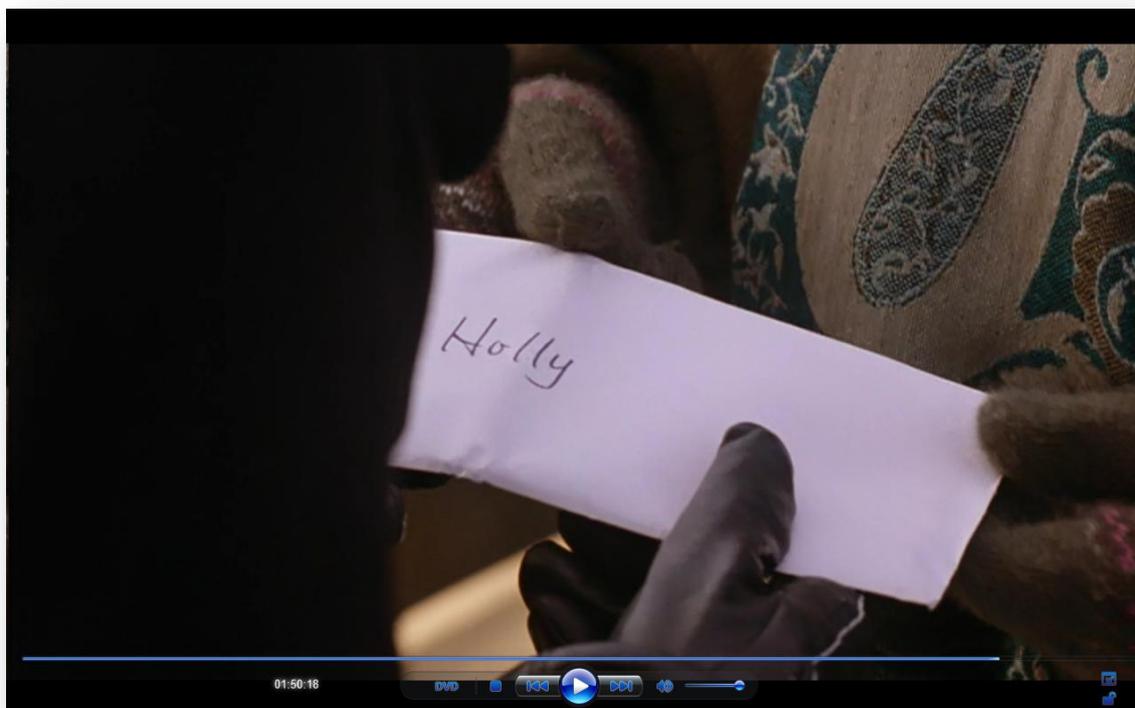


Figura 2: A mãe de Holly lhe entrega a última carta de Gerry. FILME [01:50:18]

Podemos perceber que Gerry também faz uma espécie de luto em relação à pessoa que sabe que vai perder. Para escrever as cartas, precisa se imaginar ausente, mesmo que no romance pareça estar por ali, adivinhando o que vai acontecer. Sente que vai morrer, e ficamos sabendo, pelo narrador, como havia sido para ele o processo de luto antecipado:

(Capítulo 47 p. 332, 333 e 334):

*Ultimamente, ele percebia que ela se apressava para voltar sempre que saía de perto dele, como se sentisse medo de deixá-lo sozinho por muito tempo, e ele sabia o que aquilo significava. Más notícias para ele. Havia terminado a radioterapia, que eles esperavam que atingisse o tumor restante. Não havia sido eficaz [...]*

*Sentia medo; medo do que aconteceria, do que estava acontecendo com ele, e temia também por Holly. Ela era a única pessoa que sabia exatamente o que dizer para acalmá-lo e suavizar sua dor. Ela era muito forte; era sua fortaleza e ele não conseguia imaginar sua vida sem ela. Mas não precisava se preocupar com aquela situação, porque era ela quem ficaria sem ele.[...]*

*Assim que Gerry teve certeza de que não correria risco de ser flagrado, afastou as cobertas e saiu da cama lentamente. Sentou-se na ponta do colchão por um tempo, esperando a tontura passar, e então, lentamente, caminhou até o guarda-roupa. Tirou uma caixa velha de sapato da prateleira de cima, na qual havia coisas que ele havia reunido nos últimos anos e onde também havia nove envelopes. Pegou o décimo envelope e escreveu com cuidado “Dezembro” na parte da frente. Era o dia 1º de dezembro, e ele se adiantava um ano, sabendo que não estaria por perto. Imaginou Holly como especialista em karaokê, relaxada depois das férias na Espanha, sem hematomas, por ter comprado um abajur, e talvez até em um emprego novo que adorasse. Imaginou a esposa, naquele mesmo dia, um ano mais tarde, possivelmente sentada na cama onde ele estava naquele momento, lendo a última recomendação da lista, e pensou muito a respeito do que escrever. Lágrimas tomaram seus olhos quando ele colocou o ponto final ao lado da frase. Beijou a página, colocou-a dentro do envelope e a escondeu na caixa de sapato. Enviaria os envelopes para a casa dos pais de Holly, em Portmarnock, onde sabia que o pacote estaria em mãos seguras, até ela estar preparada para abri-lo. Secou as lágrimas dos olhos e lentamente voltou para a cama, onde seu telefone estava tocando em cima do colchão.*

*- Alô? – disse ele, tentando controlar sua voz, e sorriu quando escutou a voz mais doce do outro lado da linha.*

*- Eu também amo você, Holly...*

Acreditando que suas cartas vão ajudar Holly, Gerry também faz das cartas sua forma de despedida. Ele não cai na melancolia que levaria, como afirma Freud, à perda da capacidade de amar o outro, voltando-se totalmente para si mesmo. Assim, quando morre, Gerry já fez, à sua moda, o seu luto.

## CAPÍTULO 3 Três cenas adaptadas em *P.S. Eu te amo*

Antes de começar as análises de trechos específicos vamos retratar aqui alguns aspectos que diferenciam o livro do filme.

### 3.1 Um *travelling*<sup>8</sup> entre as duas narrativas

No livro, a história toda se passa na Irlanda. Holly e Gerry são irlandeses, de famílias irlandesas. Holly tem pai, mãe, três irmãos (o mais velho casado e com dois filhos) e uma irmã, e Gerry era filho único. Haviam se conhecido no ensino médio e se casado cedo. Holly não havia continuado os estudos e Gerry era formado em marketing. No filme, a história se passa em Nova York, e Holly é Americana e tem somente a mãe, e Gerry é Irlandês (os pais moram na Irlanda). Holly o conhece em uma viagem do tempo da faculdade de Artes – era formada, mas nunca exercera a profissão. No livro, quando Gerry adoece, Holly é secretária de um advogado e pede demissão. No filme ela está trabalhando como corretora imobiliária e pede uma licença.

Holly Kennedy (sobrenome dela no livro; no filme, esse sobrenome é do marido) tem duas melhores amigas. Sharon, casada com John, o melhor amigo de Gerry, e Denise, que é solteira.

Gerry é cremado, mas o velório é feito no cemitério. No livro não se diz o que fizeram com as cinzas dele, e no cemitério há uma lápide para ele. No filme, ele também é cremado, mas é colocado numa urna desenhada por Holly, do jeito que ele queria. E a todos os lugares aonde vai, leva junto a urna com as cinzas.

Enquanto no livro a mãe de Holly entrega a ela um envelope deixado por ele com todas as cartas, e com instruções que ela segue obedientemente. No filme, a Holly nunca vai saber quando vai recebê-las. As cartas chegam de formas diferentes e inesperadas. A primeira “carta” chega no dia do seu aniversário, junto com o bolo que havia sido encomendado por ele vem um gravador. Ela liga e ouve a voz dele contando

---

<sup>8</sup> Segundo Bernadet (1980), no capítulo Nascimento de uma linguagem, o *travelling* (ou carrinho) diz respeito ao movimento da câmera sobre trilhos, afastando-se ou aproximando-se. Esses movimentos podem ser feitos com a lente *zoom*, para trabalhar com fragmentos.

que tem um plano, que escreveu várias cartas para ela, que vão chegar de jeitos diferentes, que ela deve obedecer às instruções das cartas e que, apesar de ter partido, não estava pronto para se despedir ainda.

### 3.2 As narrativas em *zoom*

As seguintes cenas do filme foram escolhidas para mostrar, comparando o romance e o filme adaptado, o que no cinema chamamos de aproximação (*zoom in*) e afastamento (*zoom out*) análise:

**Cena 1:** Holly canta no Karaokê (no livro, capítulos 09, 11, 12, 13, 14, 15.);

**Cena 2:** Holly viaja com as amigas (capítulos 23, 24, 26, 27, 28);

**Cena 3:** Holly começa a trabalhar (capítulos 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37).

Como podemos observar, no livro essas cenas são mais extensas e detalhadas, enquanto no filme são resumidas ou eliminadas, e também substituídas por outras. Em alguns casos, houve uma compilação desses capítulos dentro de cenas menores, e a diferença não se encontra somente nisso, mas também na forma como essa diferença foi mostrada. Vamos apresentar as transcrições do livro em português: somente as partes relevantes dessas cenas. Em seguida, a descrição das cenas no filme, com as imagens.

#### **Cena 1:** Holly canta no Karaokê:

(Capítulo 09 p.59):

*Holly sentou-se à mesa da cozinha tamborilando os dedos com nervosismo. Terminou sua terceira xícara de café e descruzou as pernas. Manter-se acordada por mais duas horas tinha sido mais difícil do que ela pensou. [...]*

*Eram 11h30 da noite. O envelope estava diante dela [...] Ela passou as mãos nele. Quem saberia se ela o abrisse antes? [...] Ninguém saberia...[...]Mas não era verdade.*

*Gerry saberia.*

*[...]meia-noite. Mais uma vez, lentamente, ela virou o envelope e aproveitou cada momento. Gerry estava sentado à sua frente na mesa. – Vamos, pode abrir! Rasgou o selo com cuidado e passou os dedos sobre ele, sabendo que a língua de Gerry havia passado por ali. Tirou o cartão do envelope e o abriu.*

*Vamos lá, Disco Diva! Enfrente seu medo de karaokê no Club Diva este mês e nunca se sabe... Você pode ser recompensada...*

*P.S. Eu te amo...*

Depois desse trecho no livro, Holly entra numa discussão imaginária com Gerry. Podia vê-lo na sua frente rindo de sua reação ao terminar de ler a carta. No filme, Holly

não quer cantar no karaokê de jeito algum, pois havia tido uma experiência muito traumática cantando em público, além de não saber cantar também.

(p. 60)

*O barulho do telefone fez Holly pular da cadeira. Era Sharon.*

*- Certo, já é meia-noite e cinco. O que havia no envelope? John e eu estamos malucos de curiosidade!*

*- Por que acham que eu o abri?*

*- Rá! – disse Sharon. – Vinte anos de amizade me qualificam como especialista em você. Agora, vamos, pode dizer o que estava escrito.*

*- Não vou – Holly afirmou.*

*- O quê? Não vai nos dizer?*

*- Não, não vou fazer o que ele quer que eu faça.*

Holly conversa com Sharon e John ao telefone, e já os avisa de que não quer fazer a tarefa que o marido tinha lhe pedido. Eles ainda não sabem o que Gerry quer que Holly faça, mas, assim que descobrem, têm um ataque de riso porque se lembram da primeira e última vez em que Holly havia cantado em um karaokê. Holly pensa que essa carta foi uma tentativa de Gerry de ser engraçado. Nessa hora, como em outras, ela fala com ele como se ele estivesse ali com ela.

(p. 62)

*- Que amigos consoladores eu tenho! – resmungou. – Caramba, Gerry! Pensei que você fosse me ajudar, e não me deixar à beira de um ataque de nervos!*

*Holly dormiu muito pouco aquela noite.*

(Capítulo 11 p. 69)

*Holly acordou na manhã seguinte ainda totalmente vestida e deitada na cama. Percebeu que estava voltando aos antigos hábitos. Todos os pensamentos positivos das últimas semanas estavam desaparecendo[...]. Era muito cansativo tentar ser feliz o tempo todo [...]. Quem se importava com a bagunça da casa? [...] Quem se importaria se ela não se maquiasse nem tomasse banho por uma semana? [...] Quem se importava? Seu telefone vibrou ao seu lado, mostrando que ela havia acabado de receber uma mensagem. Era de Sharon.*

*CLUB DIVA TEL: 36700700*

*PENSE BEM. SERIA LEGAL.*

*FAÇA PELO GERRY!*

*Ela sentiu vontade de responder que o Gerry estava morto. Mas desde que havia começado a abrir os envelopes, ele não parecia estar morto. Era como se ele estivesse viajando de férias e escrevendo cartas para ela, por isso não havia partido de verdade[...].*

*Ela digitou o número e um homem atendeu. Ela não conseguiu pensar em nada para dizer, por isso desligou rapidamente. Vamos, Holly, ela disse a si mesma, não pode ser tão difícil, diga apenas que uma amiga está interessada em cantar.*

Holly liga para o Club Diva, finge que uma amiga está interessada em cantar no karaokê e quer saber o que a “amiga” deve fazer. Ao longo da conversa, percebe que está conversando com Daniel, dono do bar, e ele não sabe que está falando com Holly. Ela deixa seu próprio nome para cantar no karaokê, mas ao telefone se apresenta como Sharon e fica sem graça ao fazer isso.

*E Holly pulou na cama, jogando o cobertor em cima da cabeça, sentindo as bochechas esquentarem de vergonha. Escondeu-se embaixo das cobertas, xingando a si mesma por ser tão tola. Ignorando o toque do telefone, tentou convencer a si mesma de que não tinha feito papel de idiota. Por fim, depois de se convencer de que podia mostrar a cara ao mundo de novo (demorou bastante), ela saiu da cama e apertou o botão da secretária eletrônica.*

*‘Oi Sharon, você deve ter acabado de sair. É o Daniel, aqui do Club Diva’. Ele fez uma pausa e então, rindo, disse: ‘Aqui do Hogan. Bem, eu estava analisando a lista de nomes na agenda e parece que alguém já inscreveu a Holly há alguns meses, na verdade, é um dos primeiros nomes. A menos que exista outra Holly Kennedy...’. Ele titubeou. ‘Bem, ligue para mim quando puder, para podermos ver o que aconteceu. Obrigado.’*

(Capítulo 13 p.79):

*- Holly! – Ele riu. – Eu vi o seu nome na lista! Não minta!*

*Holly soltou o garfo e a faca, pois repentinamente perdera a fome.*

*- Holly, por que não contou que cantaria em uma competição? – perguntou sua mãe.*

*- Porque não sei cantar!*

*- Então por que vai fazer isso? – perguntou Ciara, rindo.*

*Ela devia contar o motivo; caso contrário, Declan riria ainda mais dela e também porque não gostava de mentir para seus pais. Pena que Richard também ficaria sabendo.*

*- Bem, é uma história muito complicada, mas, basicamente, o Gerry me inscreveu há alguns meses, porque ele queria muito que eu fizesse isso, por mais que eu não quisesse, mas agora acho que preciso fazer. É idiota, eu sei.*

Todos da família de Holly acham a ideia muito interessante e decidem ir ao Club Diva na noite da apresentação para dar apoio moral. Quando chega o grande dia, Holly está bem nervosa, veste a roupa recomendada na carta por Gerry, mas está uma pilha de nervos, mal humorada e xingando a todos, principalmente a Gerry.

(Capítulo 15 p.90):

*Todos começaram a bater os pés e gritar o nome dela.*

*- Certo, eu quis dizer que pelo menos ninguém que se importa com você a está obrigando a cantar – Sharon gaguejou, agora sob pressão da multidão que se aproximava. – Mas se não cantar, sei que você nunca vai conseguir se perdoar. O Gerry queria que você fizesse isso por um motivo.*

*- HOLLY! HOLLY! HOLLY!*

*- Ah, Sharon! – Holly repetiu, em pânico. De repente, as paredes do banheiro pareciam estar se estreitando. Ela estava suando. Precisava sair dali. Ela disparou porta afora [...].*

Depois que Holly finalmente sai do banheiro e vai cantar, o público todo do Clube está esperando por ela. Ela fica mais nervosa ainda, mas olha a mesa em que seus familiares e amigos estão, sente seu apoio e ganha confiança, desafinada. Quando percebe que ninguém está se importando com seu jeito de cantar, consegue ir até o fim.

*O silêncio era total. Holly pigarreou e o som ecoou pelo local. Ela olhou para Denise e Sharon à procura de ajuda e todos à mesa fizeram sinal de positivo com os dedos. Normalmente, Holly teria rido da cara de bobo deles [...] Com a voz extremamente trêmula e tímida, ela cantou:*

*- ‘What would you do if I sang out of tune? Would you stand up and walk out on me?’*

*Denise e Sharon riram alto pela escolha maravilhosa e gritaram. Holly se esforçou para continuar, cantando com medo e dando a impressão de que estava prestes a chorar. Quando ela pensou que escutaria vaias de novo, sua família e os amigos se uniram no refrão:*

*- ‘Ooh, I’ll get by with a little help from my friends; yes, I’ll get by with a little help from my friends’.*

*A multidão se virou para a mesa de seus familiares e amigos e riu, e o clima ficou mais caloroso. Holly se preparou para a nota alta e gritou a plenos pulmões:*

*- ‘Do you need anybody?’ – Ela conseguiu até ousar cantando mais alto e algumas pessoas a ajudaram: - ‘I need somebody to love. Do you need anybody?’ – ela repetiu e mostrou o microfone para as pessoas, incentivando-as a cantar, e todos ajudaram. – ‘I need somebody to love.’ – E aplaudiram a si mesmos. Holly se sentiu menos nervosa e seguiu até o fim da música.[...]*

*John se aproximou de Holly e se recostou na parede ao lado dela [...] Por fim, ele reuniu a coragem para falar e disse:*

*- O Gerry provavelmente está aqui, sabia? – E olhou para ela com os olhos marejados.*

*Coitado do John, ele também sentia saudade do melhor amigo. Ela sorriu para ele de modo incentivador e olhou ao redor. Ele tinha razão. Ela conseguia sentir a presença de Gerry. Sentia os braços dele ao redor de seu corpo, dando-lhe um daqueles abraços de que ela tanto sentia falta.[...]*

Vejam os como a cena do karaokê é adaptada para o filme.

No filme, Holly está procurando um emprego na internet, quando ouve a campainha tocar. Ela atende, encontra um homem fantasiado de duende, com balões nas mãos, e ele lhe diz que está procurando por Holly Kennedy. Ele precisa entregar uma carta e cantar alguma coisa ou pode levar uma bronca. Holly fica irritada, só quer que ele entregue logo a carta. Ele entrega e ela fecha a porta na cara dele.

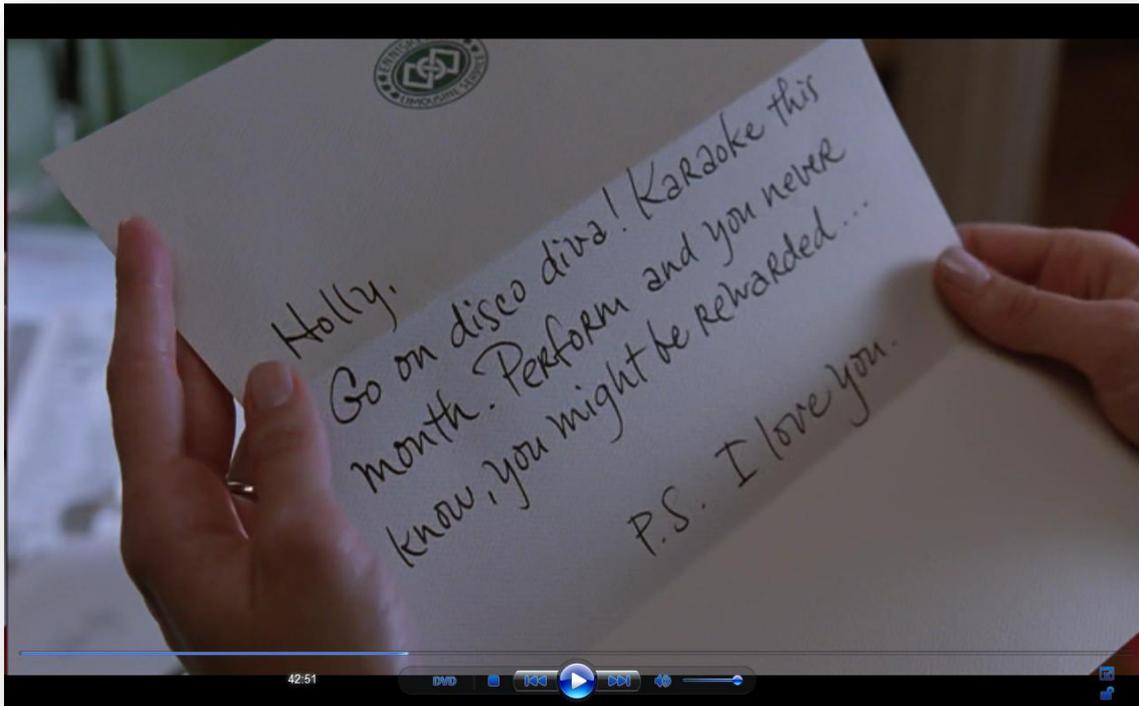


Figura 3: Holly recebe a carta do karaokê. Filme [00:42:51]

Holly abre a carta e lê. Assim que termina, discute com Gerry, cuja voz aparece em *voice over* respondendo ao que ela diz. Ela lembra o que havia acontecido... Nesse momento há um *flashback*, e vemos Gerry e Holly no karaokê com os seus amigos. Gerry leva-a, contrariada, a subir no palco e cantar, mas cantando e dançando ela tropeça, cai do palco, vai parar no hospital, e fica muito brava com Gerry.

Holly se sente culpada por sempre estar reclamando das coisas, por nunca dizer o suficiente que o amava, e nunca parecer estar satisfeita com o que ele fazia. Nesse momento ela está caminhando com John e Sharon para ir ao karaokê. Sharon tenta consolá-la dizendo que todo casal briga e que Gerry sentia que ela era louca por ele, pois eles sempre conversavam sobre isso.



Figura 4: Holly caminha com John e Sharon. Filme [00:47:20]

Holly sobe no palco para cantar a música *Love you till the end* do grupo *The Plogues* e não a música dos Beatles. Todos estão olhando pra ela e ela está um pouco nervosa.



Figura 5: Holly está cantando. Filme [00:49:29]

Holly está com lágrimas nos olhos enquanto canta. Ela olha para a plateia e só consegue enxergar Gerry. Para ela, só há Gerry sentado, ouvindo a declaração que ela está fazendo através da música. No romance, ela apenas comenta com John que Gerry provavelmente estaria lá.

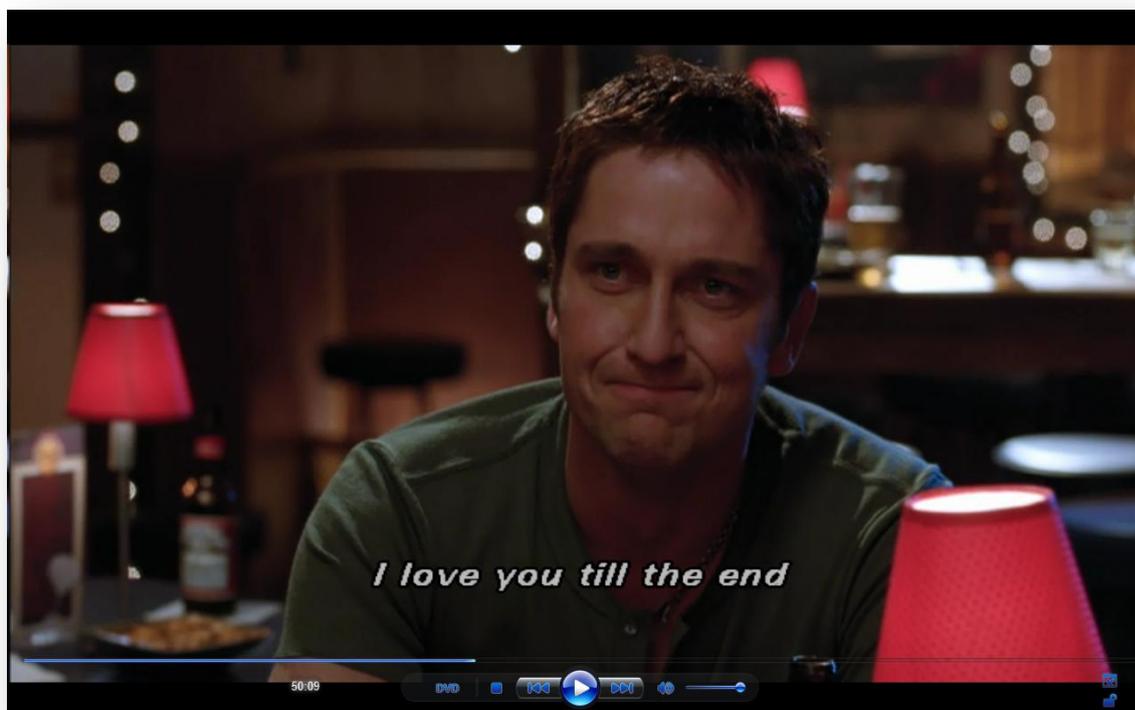


Figura 6: Somente Gerry está na plateia. Filme [00:50:09]

Nessa cena, vemos o que Holly está vendo. Gerry sentado na plateia vendo sua mulher cantar para ele. Ele está feliz com a homenagem e Holly sente que ele está lá com ela. Depois que acaba de cantar, reúne-se com os amigos e a irmã, que foram vê-la cantar; depois ela se afasta um pouco das pessoas, vai à mesa vizinha e nela vemos a urna com as cinzas de Gerry. Daniel aparece para conversar com ela, tenta chamá-la para sair mas Holly recusa o convite.

Analisando os trechos do livro e do filme sobre esse episódio em particular, podemos observar algumas semelhanças e diferenças. Por exemplo, a estrutura da carta é a mesma, a única coisa diferente é que no filme o Clube Diva não é mencionado, esse detalhe está presente no livro, e é nele que sabemos que Gerry chamava Holly de Disco Diva. Pelo fato de o espaço-tempo no cinema ser diferente do livro, no filme não temos cenas dela se queixando com os amigos ou a família sobre ter que cantar no karaokê e

nem vemos a preparação de Holly para o dia da performance. No livro, Gerry já tinha reservado o nome de Holly para a competição de karokê meses antes e no filme não temos isso, assim como a música que Holly canta no livro é diferente da cantada no filme. No livro ela canta uma música dos Beatles que fala exatamente como ela se sente no momento, e Gerry, seus amigos e familiares mostram que a amam mesmo quando cantava desafinado; já no filme ela canta uma música de uma banda irlandesa, uma música que em um dos sonhos de Holly, Gerry canta para ela, e mais uma vez temos a Irlanda retratada no filme de diferentes formas. Uma coisa que está presente no filme e que não vemos no livro é a cena de Gerry presente no karaokê enquanto Holly canta. No livro ela só sente que ele está por lá quando ela termina de cantar e conversa com amigos e familiares, no filme podemos ver que ela realmente sente a presença dele e canta para ele de forma exclusiva. Essa cena é importante para o filme, pois conseguimos ver que Holly ainda sente a presença do marido ao redor dela.

### **Cena 2: Holly viaja com as amigas:**

(Capítulo 24 p. 156):

*- Bem, vou direto ao assunto. Abri o envelope de julho hoje e vejam o que ele escreveu. – Dentro da bolsa, ela procurou o pequeno cartão, que havia sido grampeado ao folheto, e o entregou às moças. Estava escrito:*

*Bom dia, Holly!*

*P.S. Eu te amo...*

*- Só isso? – Denise franziu o nariz, sem se impressionar. Sharon deu-lhe uma cotovelada nas costelas. – Ai!*

*- Olha, Holly, acho que é um bilhete adorável – Sharon mentiu – Muito carinhoso e... um jeito muito legal de usar as palavras.*

*[...]*

*- Sharon, você é sempre tão incentivadora, que me irrita às vezes! – exclamou Holly. – Isto também estava dentro do envelope. – Ela entregou o folheto amassado que tinha sido rasgado.*

*Ela observou, divertindo-se, enquanto as amigas tentavam entender a letra de Gerry, e Denise levou a mão aos lábios, de repente.*

*- Ai, meu Deus do céu! – gritou ela, endireitando-se.*

*- O que foi? – Sharon perguntou inclinou-se para a frente, animada. – Gerry comprou um pacote de férias para você?*

*- Não – respondeu Holly, séria, balançando a cabeça.*

*- Ah. – As duas se recostaram no sofá, decepcionadas.*

*Holly fez uma pausa desconfortável antes de voltar a falar.*

*- Meninas – disse ela, começando a sorri –, ele comprou um pacote de férias para nós!*

*[...]*

*- Ele comprou no fim de novembro.*

*- Novembro? – Sharon pensou. – Foi depois da segunda operação.*

*Holly assentiu.*

*- A moça disse que ele estava muito fraco quando chegou lá.*

*- Não é engraçado que nenhum de nós tenha percebido? – perguntou Sharon, ainda surpresa com tudo.*

*Todas assentiram em silêncio.*

Elas comemoram a viagem e ficam muito animadas com os planos que Gerry havia feito para elas. Durante a viagem, já em Lanzarote, uma ilha nas Canárias...

*(Capítulo 27 p. 182):*

*- Holly, você está bem? Está calada há algum tempo. – Sharon mostrou-se preocupada.*

*- É que eu estava pensando – disse Holly, mantendo a cabeça baixa.*

*- Pensando em quê? – perguntou Sharon, delicadamente.*

*Holly olhou para frente.*

*- No Gerry. – Olhou para as amigas. – Estava pensando no Gerry.*

*- Vamos para a praia – Denise sugeriu, e elas tiraram os sapatos e ficaram descalças na areia fria.*

*[...]*

*- Você não fala muito dele, Holly – disse Denise de modo causal, fazendo desenhos na areia com os dedos.*

*Holly abriu os olhos devagar. A voz soou baixa, mas calorosa e tranquila.*

*- Eu sei.*

*Denise olhou para ela.*

*- Por que não?*

*Holly parou por um minuto e olhou para o mar negro.*

*- Não sei como falar sobre ele. – Ela pensou por um instante. – Não sei se devo dizer “Gerry era” ou “Gerry é”. Não sei se devo ficar feliz ou triste ao falar dele para outras pessoas. Parece que, se eu me mostrar feliz ao falar dele, certas pessoas me julgarão, por esperarem que eu chore até morrer. Se eu me mostrar triste, as pessoas se sentem desconfortáveis. – Olhou para o mar brilhando ao fundo e voltou a falar mais baixo. – Não consigo brincar como antes porque parece errado. Não consigo falar sobre coisas que ele me contou porque não quero divulgar seus segredos, porque são segredos dele. Simplesmente não sei muito bem como falar dele nas conversas. Não quero dizer que eu não me lembre dele aqui. – Ela levou as mãos à cabeça.*

*As três sentaram com as pernas cruzadas na areia fofa.*

*- John e eu falamos sobre o Gerry o tempo todo. – Sharon olhou para Holly com os olhos brilhando. – Falamos sobre como ele nos fazia rir, e muito. – As moças riram ao lembrar. – Falamos até das vezes me que discutimos. Coisas que adorávamos nele, coisas que ele fazia que nos deixavam fulos da vida.*

*Holly ergueu as sobrancelhas.*

*Sharon continuou:*

*- Porque, para nós, é assim que Gerry era. Ele não era legal o tempo todo. Lembramos de tudo sobre ele, e não há absolutamente nada de errado nisso.*

*Fez-se um longo silêncio. Denise foi a primeira a quebrá-lo.*

*- Gostaria que o Tom tivesse conhecido o Gerry. – Sua voz estava um pouco trêmula.*

Elas voltam para o hotel e decidem fazer as atividades do dia por conta própria, ao invés de fazer os passeios com a agência de turismo. Sharon pergunta se Holly tem notícias dos pais de Gerry e ela conta sobre a relação distante que sempre teve com eles. Na manhã seguinte, Holly se afasta das amigas para ler a carta do mês de agosto, em que Gerry fala dos golfinhos e do farol (como mostramos no capítulo 2).

(Capítulo 28 p. 191):

*Com as mãos trêmulas, Holly recolocou o cartão dentro do envelope e o guardou com cuidado em uma das divisórias da bolsa. Sentiu o olhar de Gerry ao ficar em pé e rapidamente enrolou a toalha de praia. Sentia a presença dele. Correu até a ponta da praia, que terminava em um monte. Ela calçou o tênis e começou a subir nas pedras para poder ver do outro lado.*

*E lá estava.*

*Exatamente onde Gerry havia descrito, o farol ficava no topo de um monte, branco, como se fosse uma tocha para o céu. Holly subiu cuidadosamente as rochas e contornou uma pequena caverna. Estava sozinha. Aquele local era totalmente isolado. E então, ouviu o som. Os golfinhos emitiam seus sons brincando perto da costa, longe da vista de todos os turistas nas praias ao lado. Holly deitou-se na areia para observá-los brincando e escutá-los “conversando”.*

*Gerry se sentou ao lado dela.*

*Pode até ter segurado sua mão.*

Nessa cena, Holly está impaciente, esperando o carteiro colocar todas as cartas dos moradores do prédio na caixa certa. O carteiro percebe a impaciência dela e entrega suas cartas. Holly pega-as de forma frenética e procura a carta de Gerry. Quando acha, abre com muita rapidez e lê na frente do carteiro mesmo.



Figura 7: O carteiro entrega a correspondência de Holly. FILME [00:57:42]



Figura 8: Holly conta para a irmã e para a mãe que Gerry planejou uma viagem para ela, Sharon e Denise. Filme [00:58:42]

Nessa carta, Gerry diz a Holly para ir a uma agência de viagens, procurar uma funcionária chamada Bárbara e entregar-lhe uma pasta. A funcionária abre-a e sabe imediatamente quem é Holly. No filme, o plano é uma viagem para Holly e as amigas conhecerem a Irlanda – uma viagem adaptada para que a Irlanda não fique totalmente fora do filme, já que é na Irlanda que se passa toda a narrativa do romance.

Diferente do livro, também Holly e suas amigas não vão para um hotel, mas a uma casa que havia sido alugada para elas, que ficam encantadas com a beleza do lugar. Sharon entra na casa primeiro e descobre que Gerry deixou havia deixado lá uma carta para ela na cozinha. Sharon lê em a carta voz alta, e nela Gerry pede a Sharon para ajudar Holly, leva-la para pescar. Denise também tem uma carta endereçada a ela, e Gerry lhe pede que leve Holly a um dos bares favoritos dele na cidade. Holly fica chateada porque ele não deixou nenhuma carta para ela.

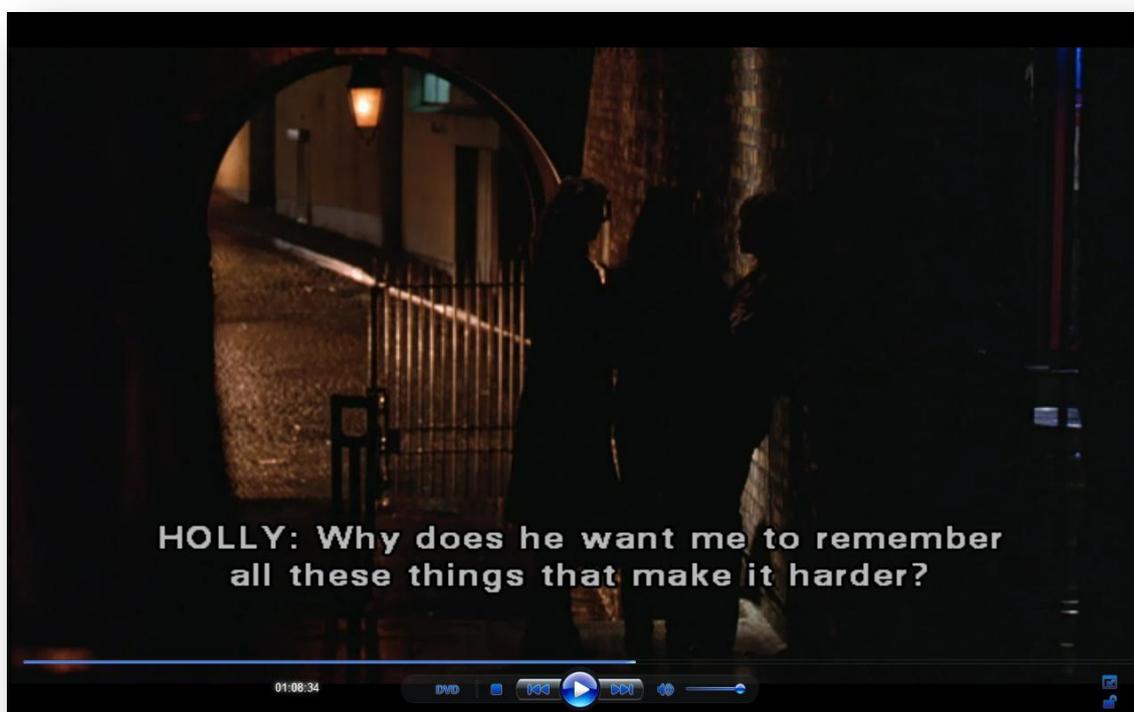


Figura 9: Holly está com as amigas do lado de fora do bar. Filme [01:08:34]

Holly e suas amigas estão no bar sugerido por Gerry. Um homem muito bonito está terminando de tocar uma música no palco. Sharon e Denise incentivam Holly a ir até o balcão do bar e conversar com ele. Holly fica sem jeito, mas ele lhe pede que fique para ouvi-lo tocar. A música que ele dedica a ela é a mesma que tinha ouvido quando conheceu no bar em sua viagem para a Irlanda. Essa cena também traz a Irlanda para o filme... Há um *flashback* e ela sai correndo do bar. Não entende porque Gerry está forçando-a a reviver esses momentos que só fazem o processo ficar mais difícil.

No dia seguinte Holly, Sharon e Denise vão pescar. Estão num barco e os remos acabam caindo n'água – esse é a versão adaptada do quase afogamento na praia do hotel. Elas ficam um tempo boiando no barco. Só então Sharon anuncia que está grávida e Denise anuncia que está noiva e vai casar com o Tom na véspera de ano novo. Holly fica surpresa com as notícias e não consegue assimilar tudo. No livro Holly fica sabendo de uma coisa de cada vez e fica furiosa, com muita inveja... O rapaz que tocava no bar, William, aparece com o pai em outro barco e reboca as meninas para a margem no rio. Naquela noite Holly acaba indo para a cama com William e descobre que ele era melhor amigo de Gerry. No livro, Holly não tem nenhum relacionamento sério, apenas se apaixona por Daniel e dá a entender que vai ficar com ele depois de ler a última carta.



Figura 10: Holly visita os pais de Gerry. Filme [01:24:07]

Holly vai à casa dos pais de Gerry. Nessa cena a mãe está lendo uma carta que há algum tempo ele havia enviado. Pede aos pais que entreguem a ela um envelope e mostrem onde ele brincava quando era criança na Irlanda.



Figura 11: Holly lê a carta no forte de Gerry. Filme [01:36:12]

Holly vai ler a carta no forte em que Gerry costumava brincar. Em *voice over* Gerry conta que lá ele brincava e, mais velho, ia pensar – e tinha ido lá para pensar nela, sobre quando se encontraram e se divertiram pela primeira vez. Nesse momento, acontece um *flashback* desse dia (como aparece na figura 11). No final da carta ele pede a Holly para ela voltar para casa e encontrar essa garota divertida dentro dela.

O episódio da viagem é um exemplo perfeito das adaptações que o diretor fez na cena para ela ser incluída no filme, por ser um evento marcante no processo de luto de Holly. Tanto no livro quanto no filme, Gerry vai em segredo a uma agência de viagens fazer uma surpresa para Holly e suas amigas. Ele quer que tudo seja perfeito e que seja em segredo, só poderiam saber o que ele fez no momento certo. No livro, essa cena é descrita em detalhes, enquanto que no filme a cena teve que ser editada e se tornou uma cena cortada que está presente como bônus no DVD. Na agência de viagem Gerry conversa com Bárbara. No livro, ele quer que Holly e suas amigas vão para uma praia na Espanha, pois foi quase o destino dos dois de lua de mel. Já no filme, ele quer que

elas viagem para a Irlanda para que as amigas conheçam o lugar onde o amor deles começou e também para que Holly encontre dentro dela a garota divertida que ela havia deixado na Irlanda. No livro elas sofrem uma experiência de quase morte quando ficam à deriva no mar, enquanto no filme, elas ficam dentro do barco, no meio de um lago sem os remos e completamente sozinhas, e é dentro do barco que Holly recebe a notícia de suas amigas. O diretor conseguiu trazer a Irlanda de volta para a história mais uma vez, com um elemento muito importante no processo de luto de Holly, a viagem que ela faz com as amigas e, junto com a viagem, o fato de ela ter recebido as boas novas de suas amigas dentro do barco, enquanto esperavam por socorro. O diretor consegue condensar dois episódios importantes do livro em uma cena só, na qual ela resgata a memória de como ela era quando conheceu Gerry e as lembranças que viveu durante a sua viagem na juventude, e também a forma como reage à notícia das amigas que faz com que ela se isole depois.

### **Cena 3: Holly arranja um emprego:**

(Capítulo 31 p. 207):

*Não se lembrava da última vez em que se sentira verdadeiramente feliz [...] Odiava ter que contar os dias para ler outra de suas mensagens...*

*[...]*

*Ela secou uma lágrima... e abriu lentamente o sétimo envelope.*

*Mire seu salto para a lua, e se não acertá-la, aterrissará entre as estrelas.*

*Prometa pra mim que vai encontrar um emprego que vai amar desta vez!*

*P.S. Eu te amo...*

*Holly leu e releu a mensagem [...] Há muito tempo adiava voltar a trabalhar, acreditando que não estivesse pronta para isso, que ainda era muito cedo. [...]. E se Gerry dizia que era a hora, então era mesmo. Holly abriu um sorriso.*

*- Prometo, Gerry – disse ela, com alegria. [...]...pegou um caderno e uma caneta e começou a fazer uma lista de possíveis empregos.*

*1. Agente do FBI? – Não sou norte-americana. Não quero morar nos Estados Unidos.[...].*

*2. Advogada – [...] Detesto estudar. Não quero passar dez milhões de anos na faculdade.*

*3. Médica – Creeedo.*

*4. Enfermeira – Os uniformes são feios.*

*5. Garçonete – Comerá toda a comida.*

*6. Caça-talento – Boa ideia, mas ninguém me contrataria.*

*7. Esteticista – [...]. Não quero ver as partes íntimas dos outros.*

*8. Cabeleireira – Não gostaria de ter um chefe como Leo.*

*9. Vendedora de loja – Não gostaria de ter uma chefe como Denise.*

*10. Secretária – NUNCA MAIS.*

11. *Jornalista – já conto notícias o suficiente. Haha, seria engraçado.*
12. *Comediante – Reler a piadinha acima. Não teve graça.*
13. *Atriz – Provavelmente nunca conseguiria me superar depois da atuação em “As mulheres e a cidade”.*
14. *Modelo – Baixa demais, gorda demais, velha demais.*
15. *Cantora – Repensar a ideia de comediante (número 12).*
16. *Empresária em controle da própria vida – hum... preciso fazer uma pesquisa amanhã...*

*Ela acordou cedo naquela manhã feliz com seu sonho de sucesso, tomou um banho rápido, embelezou-se e desceu para a biblioteca da região procurar empregos na internet.*

Holly fez as buscas de emprego na internet e depois pediu ajuda da família. Alguns dias depois, recebe uma resposta da agência e tem duas entrevistas de emprego marcadas, ela está muito confiante! Conversa com o empregador, o Sr. Freeney, e ele aconselha Holly a se cuidar, e fala da esposa que perdera e que, como Gerry, cuidava do jardim.

(Capítulo 34 p. 228):

*- Bem voltando à entrevista – disse o Sr. Freeney. – Você tem alguma experiência em trabalhar com a imprensa?*

*Holly não gostou da maneira com que ele disse “alguma”; significava que ele havia lido o currículo sem encontrar qualquer sinal de experiência na função.*

*- Na verdade, tenho. – Ela voltou ao modo profissional e se esforçou para impressioná-lo. – Certa vez, eu trabalhei em uma agência e era a responsável por lidar com a imprensa a respeito da divulgação de novas propriedades que estavam à venda. Eu estive do outro lado do que este emprego exige, por isso sei lidar com empresas que desejam comprar espaço.*

*O Sr. Freeney assentiu.*

*- Mas você nunca trabalhou em uma revista, jornal, ou qualquer publicação?*

*Holly balançou a cabeça lentamente e tentou colocar o cérebro para funcionar.*

*- Mas eu fui responsável por imprimir um boletim de notícias semanais para uma empresa na qual trabalhei... – Ela explicou, detalhando, apegando-se a cada chance que podia, e percebeu que estava sendo ridícula.*

*[...]*

*O Sr. Freeney tirou os óculos.*

*- Compreendo. Olha, Holly, estou vendo que você tem muita experiência no mercado de trabalho em diversas áreas, mas noto que você não permaneceu tempo suficiente em uma empresa, vejo que nunca passou de nove meses...*

*- Eu estava em busca do emprego certo – disse ela, com a confiança destruída.*

*- Então, como poderei ter certeza de que você não vai me abandonar depois de alguns meses? – Ele sorriu, mas ela sabia que estava falando sério.*

*- Porque este é o emprego certo para mim – disse ela, com seriedade. Respirou fundo ao perceber que as chances desapareciam, e não estava preparada para desistir tão facilmente. – [...]*

*– Ela se controlou para não ajoelhar-se e implorar pelo maldito emprego. Corou ao perceber o que havia acabado de fazer.*

*[...]*

*A simpática secretária ergueu as sobrancelhas para Holly quando esta passou por sua mesa, e os outros candidatos seguraram seus portfólios com força, tentando imaginar o que aquela moça havia dito para o entrevistador rir tão alto. Holly sorriu ao ouvir a risada se prolongar e saiu do prédio.*

Holly sai da entrevista sentindo que não foi muito bem. Decide passar no bar de Daniel para ver a irmã trabalhando e, quando chega em casa, John reclama que ela não está mais procurando as amigas, Sharon está grávida de cinco meses. Holly se sente culpada, se desentende com John, mas logo se acertam e ela pede desculpas por estar tão distante. Vão juntos buscar Sharon no hospital.

No filme, não há entrevista para emprego. Assim que volta da viagem Holly decide procurar algo diferente para fazer. Só então ela conversa com Gerry na imaginação e é ele quem faz uma lista dos tipos de emprego que ela não poderia ter (ser uma agente do F.B.I ou uma escrava de vampiros). Ele quer que ela procure algo que goste de fazer de verdade. Nesse momento, Holly se isola completamente dos amigos e dos familiares, não retorna as ligações; está perdendo as consultas de Sharon para ver como está o bebê e não está acompanhando Denise nos arranjos do casamento. Em um dos telefonemas. Holly fica irritada e joga o controle da televisão em direção ao telefone mas acerta o porta-retrato que ela tem uma foto dela com o Gerry em que estava encostado o broche do suspensório dele. A personagem no filme é mais temperamental e parece querer continuar sendo o centro das atenções.



Figura 12: Holly analisa o sapato. Filme [01:38:18]

Para mostrar o despertar de Holly para o emprego “de que ela goste de verdade”, o filme constrói uma cena nova, com o incidente adequado. Antes de derrubar sem querer o porta-retratos, Holly está vendo um filme antigo e repara nos sapatos da atriz principal. Depois, vê que o broche que estava apoiado no porta-retratos havia caído exatamente em cima do sapato dela e gosta do jeito que ele ficou ali. Começa a observar o sapato e de repente pega um caderno de desenho e vários lápis de cor e começa a desenhar vários sapatos com cores e formatos diferentes. Pega alguns laços e coloca ao redor de botas e outros sapatos. Nisso há um corte na imagem que mostra Holly fazendo um curso para aprender a fazer sapatos...

Então vemos Holly usando um sapato que ela mesma fez numa loja de vestido de noivas, onde encontra Denise experimentando um vestido... as duas se abraçam e pedem desculpas uma a outra. Holly vai ser madrinha de casamento junto com a Sharon e pergunta a Denise se pode fazer seu sapato de casamento. Denise fica impressionada ao ver os desenhos de Holly...



Figura 13: Holly vai almoçar com Daniel. Filme [01:41:53]

Holly convida Daniel para almoçar e conta as novidades para ele. Ela acha engraçado que a primeira pessoa que ela pensou em contar era ele. Daniel começa a flertar mais com ela, até que sem querer ela o chama de Gerry. Ele que gosta dela, mas quer saber se ela sente o mesmo ou se vai ter que esperar mais uma carta de Gerry para descobrir. Daniel vai embora deixando Holly sozinha no restaurante. Nesse momento, ela sai aos prantos, vai até o bar de sua mãe e desabafa. Holly descobre que não importa o que ela faça ela sempre estará sozinha; então ela e sua mãe saem para dar uma volta, conversam, e é ela quem lhe entrega a última carta.

Tanto no livro, quanto no filme, esse episódio é importante, pois é um marco na vida de Holly. As cartas estão acabando, o que significa que o processo de luto também está chegando ao fim e podemos ver que apesar de Gerry tê-la guiado do começo ao fim, ela passou por todo esse processo sozinha; por mais que ela sinta falta do seu melhor amigo e marido, ela se sente bem e sabe que a sua história não chegou ao fim, que o tempo que viveu com ele é só mais um capítulo em sua história. No entanto, esse processo é narrado de forma diferente. No livro, podemos ver um processo mais realista. Holly vai até à biblioteca da cidade para procurar emprego na internet e passa pelo processo da entrevista de emprego. Quando consegue um emprego Holly lembra do

ritual que fazia com Gerry em que ele trazia café da manhã na cama pra ela, ligava na hora do almoço e quando ela voltava do trabalho ele queria saber tudo sobre o primeiro dia dela. Holly sente falta disso e fica triste ao perceber que não pode compartilhar fisicamente o acontecimento, mas fica feliz ao lembrar que Gerry pediu que ela fosse procurar um trabalho que gostasse de fazer e estava mais feliz ainda por finalmente achar esse emprego.

No filme, o episódio acontece de forma mais mágica. Muitas das cartas que Gerry escreve para Holly no filme ele sempre diz para que ela procure por um sinal, que vendo esse sinal ela saberia o que fazer. Nessa cena ela recebe um sinal de Gerry ao ver o seu sapato. Lembrando de sua formação em artes, Holly começa a fazer vários desenhos de sapatos e também vai atrás de aulas de sapataria e então decide abrir o próprio negócio de fazer sapatos artesanais e personalizados. Essa cena no filme nos mostra que Holly já se sente capaz e segura para seguir o rumo de sua vida, isso é simbolizado pelo fato de ela decidir se “arriscar” e abrir o próprio negócio fazendo o que gosta. No filme vemos o quanto Holly é infeliz na sua carreira profissional e que Gerry estava sempre ao lado dela para dizer “procure outra coisa”, e quando decide que vai abrir o próprio negócio e deixar de ser empregada, ela está sozinha fisicamente, mas sente que Gerry aprova a ideia. Nesse mesmo momento do filme, Holly acaba tendo uma discussão com Daniel e percebe que “estamos sozinhos no mundo”.

Recebe, então, a última carta de Gerry das mãos da sua mãe. E nessa carta Gerry lhe pede que se apaixone de novo. É possível sentir que esse pedido, e a forma como Holly o recebe, simboliza o fim do processo de luto: ela passa a refletir sobre o assunto e percebe que se apaixonar não envolve só estar apaixonado por uma pessoa, mas também pelo seu trabalho, pelos amigos e pela sua família. Reconhecemos nesse final algo que podemos chamar de um amadurecimento da personagem, que se sente viva de novo e pronta para continuar sua história.

## **P.S. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ENCERRAR**

Após fazermos essa análise podemos entender melhor os motivos pelos quais o diretor e escritor decidiu fazer as mudanças que fez quando adaptou o livro para o cinema.

Adaptar uma obra original para qualquer meio requer analisar uma série de questões. Como por exemplo: para qual meio esta obra será adaptada? A que público se dirige a adaptação? Quais modificações deverão ser feitas para a obra se encaixar no meio adaptado?

Na análise em questão, podemos ver que o escritor decidiu fazer com que a sua história se passasse em Nova York em vez da Irlanda por questões burocráticas, logísticas, e também porque se trata de um filme americano com atores americanos. Mas ele conseguiu recuperar a questão da Irlanda, que é um personagem essencial para a história em alguns aspectos. O personagem Gerry é Irlandês, a viagem que Holly faz com as amigas é para a Irlanda. Eles se conheceram primeiramente na viagem que Holly fez para a Irlanda e também na trilha sonora. Alguns artistas são irlandeses. É interessante notar também que a personagem Ciara, irmã de Holly, interpretada pela cantora Nellie McKay, também contribui para a trilha sonora do filme com a música *P.S. I Love You*.

Outro aspecto que podemos analisar é a forma como o diretor resolveu tratar do luto no filme. O assunto é abordado de uma forma mais melancólica, Holly está sempre se afastando dos amigos e da família e já sofreu a perda de uma figura masculina importante na sua vida, o pai que a havia abandonado quando tinha 14 anos. Isso não aparece no livro, mas acreditamos que o diretor escolheu fazer essa mudança para dar um tom mais dramático ao filme. Mas, apesar disso, há certa leveza no filme, quando vemos algumas partes engraçadas: o jogo de Snaps que aparece no filme, a amiga de Holly, Denise, em busca de amor para a sua vida até no velório de Gerry por exemplo... São conteúdos que o diretor e escritor resolveu colocar no filme, para a história poder se encaixar de certa forma no gênero comédia romântica.

Essas e outras escolhas foram feitas justamente para poder adaptar o livro para o cinema, que tem outra linguagem e diferentes recursos cênicos para trabalhar a

narrativa. Como dissemos anteriormente, muitos aspectos sofrem modificações ou são retirados por não caberem no espaço-tempo exigido do filme. Ou seja, as escolhas não são feitas aleatoriamente, há uma série de questões e discussões envolvidas antes de qualquer decisão ser tomada.

No DVD que foi analisado neste trabalho, o menu interativo traz cenas que foram deletadas. Nessas cenas podemos ver, por exemplo, o momento em que Gerry vai a uma agência programar a viagem para a mulher e as amigas. O diálogo é totalmente diferente do que é apresentado no livro e há certo toque cômico, pois Gerry “encena” a sua morte na mesa da atendente. Há também a cena em que Holly vai para a casa de Sharon e John entregar-lhe o violão de Gerry e dentro do case do violão havia uma carta para ele (carta que era um segundo P.S. em um envelope no livro). Holly se desculpa por ter demorado a fazer isso e se desculpa também pela sua ausência, pois sua amiga já está grávida e ela não foi visitá-la ainda. Nessa cena, Holly descobre que eles querem que ela seja madrinha do filho deles e que ele se chamará Gerry. Obviamente essas e outras cenas foram deletadas, pois não iriam caber no contexto do filme ou porque depois do processo de edição optaram por simplesmente retirá-las.

No caso do livro e do filme aqui analisados, podemos chegar à conclusão de que a sua adaptação foi bem sucedida. Ao pesquisar sobre críticas que fizeram em relação ao filme, não encontramos nenhuma que dissesse respeito à adaptação. Mas, assim como Cecelia Ahern em sua entrevista para o conteúdo extra do DVD diz, podemos considerar o livro uma obra e o filme outra obra. O filme não deixa de ser uma adaptação, pois capta as estruturas do livro, mas tem um toque de originalidade, pelas mudanças que foram feitas.

O mais importante que temos que salientar aqui é que a mensagem do livro foi transmitida. Podemos ver Holly passando pelo processo de luto e de que formas ela supera a perda, dia após dia, através das cartas que Gerry escreveu. Tanto no livro quanto no filme, as cartas são um personagem essencial para o desenvolvimento da história.

A adaptação é considerada bem sucedida também porque foi feita em torno de um assunto comum a todos. A perda de alguém que amamos. O luto, é um processo que está presente em todas as culturas do mundo, cada cultura possui um jeito diferente de lidar com a perda, mas o luto em si é um sentimento universal. Uma das produtoras do

filme, Molly Smith, diz na entrevista para o DVD que começou a ler o livro em um momento muito difícil da vida pessoal dela, ela tinha acabado de perder a irmã mais velha. O filme é dedicado à memória dela (Windland Smith Rice 1970 – 2005). Entendemos que ela havia se identificado com a personagem principal, da mesma forma que pode acontecer com alguns de nós quando lemos o livro e/ou vemos o filme.

As adaptações são um importante meio para difundir não só a obra original, mas outras obras do mesmo autor. Cecelia Ahern escreveu esse livro quando tinha 21 anos. Depois do filme escreveu mais outros livros e alguns deles também foram adaptados para o cinema. O livro virou um *best-seller* após o sucesso do filme. Mais um motivo para considerar a adaptação bem sucedida, afinal, ela alcançou um público que não conhecia os livros e muitos, depois do filme, buscaram conhecer melhor o seu trabalho.

Segundo Jean-Claude Bernadet (1980), se, por um lado, “não só o cinema seria a reprodução da realidade, seria também a reprodução da própria visão do homem (...) reprodução da realidade” (p. 17); por outro lado, “a necessidade de lucro tende a homogeneizar os produtos e homogeneizar os públicos” (p. 63). Assim, entendo que se o filme fez tanto sucesso foi porque retrata uma realidade comum a todos. O ponto principal do filme é contar uma história de amor que mesmo com a morte conseguiu sobreviver. E é isso que, acredito, muitos leitores e espectadores também esperam para as suas vidas: encontrar um amor que seja forte e verdadeiro, capaz de superar até a morte.

## REFERÊNCIAS

AHERN, Cecelia. *P.S. I Love You*. Irlanda: Throndike Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *P.S. Eu te amo: existem amores que duram mais que uma vida*. Tradução de Carolina Caires Coelho. Ribeirão Preto/SP: Novo Conceito Editora, 2012.

AMORIM, Lauro. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

AUMONT, Jacques, *et al.* *A estética do filme*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papirus, 1995.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BEZERRA, Júlia Rochetti. *Ressurge o defunto autor? – estudo sobre a adaptação infantojuvenil de Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp, 2012.

CARIBÉ, Yúri Jivago Amorim. *Adaptações, apropriações e o papel do adaptador Michael Cunningham em 'The hours'*. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, nº. 22, 2011, p. 43-53.

FREUD, S. *Luto e melancolia (1917)*. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Vol. XIV, pp. 270-294, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HUTCHEON, Linda. *A theory of Adaptation*. New York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

*P.S. I Love You. [P.S. Eu te amo]*. Direção de Richard LaGravenese. Roteiro: Cecelia Ahern, Richard LaGravenese, Steven Rogers. Produção de Wendy Finerman, Molly Smith, : Andrew A. Kosove, Broderick Johnson. Elenco: Com Gerard Butler e Hilary Swank, Dean Winters, Gina Gershon, Harry Connick Jr., James Marsters, Jeffrey Dean Morgan, Kathy Bates, Lisa Kudrow. Fotografia: Terry Stacey. Trilha Sonora: John Powell.